



Considerando a orografia da freguesia de Alvares, como se deveria fazer para ter manto florestal diverso, preservando os cursos de água e protegendo as aldeias contra incêndios?

A freguesia de Alvares (Góis) tem características muito próprias: relevo acidentado, vales profundos, numerosas linhas de água, solos maioritariamente xistosos, baixa densidade populacional e um histórico de grandes incêndios. Nestas condições, a estratégia mais eficaz não passa por substituir uma espécie por outra, mas por reorganizar a paisagem para aumentar a sua resiliência.

Um modelo integrado poderia assentar em cinco componentes.

1. Galerias ripícolas como eixo principal

Os cursos de água devem ser a espinha dorsal da paisagem.

Ao longo das ribeiras e linhas de água:

- conservar e recuperar amieiros, freixos, salgueiros e choupos autóctones;
- criar corredores contínuos de vegetação natural;
- impedir plantações intensivas de eucalipto ou pinheiro junto às margens;
- criar pequenas zonas húmidas onde a topografia o permita.

Estes corredores:

- reduzem a velocidade do fogo;
- melhoram a qualidade da água;
- aumentam a biodiversidade;
- funcionam como refúgios para fauna.

2. Mosaico florestal nas encostas

Em vez de grandes manchas contínuas da mesma espécie, dividir a paisagem em parcelas.

Por exemplo:

- carvalho-negral;
- sobreiro nas zonas mais quentes;
- castanheiro em locais favoráveis;
- medronheiro;
- pinheiro-bravo apenas onde seja adequado;
- eucalipto limitado às áreas com melhor aptidão e boa gestão.



Entre estas parcelas poderiam existir:

- prados;
- zonas agrícolas;
- pomares;
- pastagens.

Este mosaico dificulta a propagação dos incêndios.

3. Cinturões de proteção das aldeias

Cada aldeia deveria ter uma faixa envolvente de baixa inflamabilidade.

Nessa faixa poderiam existir:

- hortas;
- olivais;
- soutos;
- árvores de fruto;
- pastagens permanentes;
- espaços de recreio.

Estas áreas seriam geridas regularmente e poderiam integrar pequenas comunidades de energia, utilizando a receita da produção elétrica para financiar a manutenção.

4. Gestão das cumeadas

As cumeadas são frequentemente os locais onde o fogo ganha maior intensidade.

Nelas faria sentido:

- instalar aceiros verdes;
- criar zonas de pastoreio;
- plantar espécies mais resistentes ao fogo;
- manter caminhos acessíveis para combate.

5. Gestão económica permanente

A paisagem só será sustentável se gerar rendimento.

Em Alvares isso pode resultar da combinação de:

- madeira de qualidade;
- castanha;
- medronho;
- mel;



- cogumelos;
- pastoreio;
- créditos de carbono;
- turismo de natureza;
- comunidades de energia em terrenos adequados.

Um modelo para Alvares

Considerando o conhecimento existente sobre a freguesia, eu procuraria uma distribuição aproximada como esta:

- 25–30% de floresta autóctone (carvalhos, castanheiros e outras folhosas);
- 20–25% de galerias ripícolas e corredores ecológicos;
- 25–30% de floresta de produção (pinheiro e eucalipto cuidadosamente localizados e geridos);
- 15–20% de mosaico agrícola, pastagens e áreas abertas junto das aldeias.

Este modelo reduz a continuidade do combustível, protege os recursos hídricos e mantém atividade económica.

Uma oportunidade para Alvares

Penso que Alvares reúne condições para se tornar um projeto-piloto nacional de paisagem resiliente ao fogo. A freguesia tem dimensão suficiente, sofreu incêndios de grande impacto e possui uma rede extensa de baldios, ZIF e associações locais, o que facilita uma gestão coordenada.

Um plano desta natureza poderia integrar:

- ordenamento florestal;
- proteção dos recursos hídricos;
- comunidades de energia renovável;
- valorização dos baldios;
- prevenção estrutural de incêndios;
- criação de rendimento para os proprietários e compartes.

Seria um projeto que conjugaria conservação da natureza, proteção das populações e desenvolvimento económico, em vez de tratar cada um destes objetivos de forma isolada.

Roda Cimeira, 26 de Julho de 2026

